

## ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA ASSISTÊNCIA ÀS PESSOAS TRANSGÊNERO: REVISÃO INTEGRATIVA

### NURSING PRACTICE IN THE CARE OF TRANSGENDER INDIVIDUALS: AN INTEGRATIVE REVIEW

### ACTUACIÓN DE LA ENFERMERÍA EN LA ATENCIÓN A PERSONAS TRANSGÉNERO: REVISIÓN INTEGRATIVA

Thalyta Morgana Henrique<sup>1</sup>  
Pamella Mayara Martins Bonfim Gomes<sup>2</sup>  
Estefânia Aparecida Borges Pereira de Sousa<sup>3</sup>

**RESUMO:** A população transgênero, composta por indivíduos que não se identificam com o sexo biológico, enfrenta significativa vulnerabilidade social no Brasil, incluindo dificuldades de acesso à educação, trabalho, saúde, moradia e segurança. Assim, o estudo tem como objetivo analisar as práticas de enfermagem voltadas à população transgênero, buscando contribuir para a construção de um cuidado mais equitativo e acolhedor. Trata-se de uma revisão de literatura, após a remoção de duplicatas e aplicação dos critérios de elegibilidade, 29 artigos foram selecionados para compor a amostra final. Os resultados evidenciam que a população transgênero ainda enfrenta importantes desafios no acesso à saúde, principalmente devido à discriminação e à falta de preparo dos profissionais. Destaca-se o papel fundamental da enfermagem no acolhimento, na escuta qualificada e na continuidade do cuidado, sendo essencial para a promoção de práticas mais inclusivas e para a redução das desigualdades no sistema de saúde.

1

**Palavras-chave:** Enfermagem. Pessoas Transgênero. Humanização do Cuidado.

**ABSTRACT:** This study analyzed scientific evidence regarding nursing performance for the transgender population within health services. This is an integrative literature review that, after applying eligibility criteria, selected 29 articles for the final sample. Results show that this population faces social vulnerability and barriers to healthcare access due to discrimination and lack of professional training. It is highlighted that qualified welcoming based on the use of social names and active listening is the primary strategy for establishing therapeutic bonds. Nursing plays a fundamental role in the continuity of care and the promotion of inclusive practices, being essential for reducing inequalities and ensuring dignified and humanized assistance.

**Keywords:** Nursing. Transgender Persons. Humanization of Assistance.

<sup>1</sup> Graduação em Enfermagem - UNIFASAM - Centro Universitário Sul-Americano.

<sup>2</sup> Graduação em Enfermagem - UNIFASAM - Centro Universitário Sul-Americano.

<sup>3</sup> Professora/Orientadora Especialista - UNIFASAM - Centro Universitário Sul-Americano.

**RESUMEN:** Este estudio analizó las evidencias científicas sobre la actuación de la enfermería para la población transgénero en los servicios de salud. Se trata de una revisión integradora de la literatura que, tras aplicar los criterios de elegibilidad, seleccionó 29 artículos para la muestra final. Los resultados evidencian que esta población enfrenta vulnerabilidad social y barreras en el acceso a la salud debido a la discriminación y a la falta de preparación profesional. Se destaca que la acogida calificada basada en el uso del nombre social y la escucha activa es la estrategia principal para establecer vínculos terapéuticos. La enfermería desempeña un papel fundamental en la continuidad del cuidado y en la promoción de prácticas inclusivas, siendo esencial para reducir las desigualdades y garantizar una atención digna y humanizada.

**Palabras clave:** Enfermagem. Personas Transgénero. Humanización de la Atención.

## INTRODUÇÃO

A população transgénero é composta por pessoas que não se identificam com o seu sexo biológico, isto é, quando uma pessoa nasce com o corpo, mas não se identifica como tal e sim com o sexo oposto e vice-versa (Dias,2015). Acredita-se que no Brasil essa população representa aproximadamente 2% da população (Maciel,2021). No entanto, a falta de intervenções do governo dificulta que políticas públicas sejam estabelecidas e o país continua a ter taxas de homicídios consideráveis, demonstrando um quadro alarmante de vulnerabilidade social e falta de proteção institucional (Galindo, 2024).

Segundo Miskolci et al. (2022), a precariedade das condições de vida dessa população manifesta-se em diferentes dimensões, como baixos níveis de escolaridade, dificuldades na formalização do vínculo trabalhista e limitações no acesso à saúde, moradia e segurança, fatores que contribuem para o agravamento da vulnerabilidade e para a perpetuação dos ciclos de pobreza e exclusão social.

Apesar dos avanços nas legislações e nas políticas públicas voltadas à população transgénero, ainda é evidente a persistência da discriminação e da marginalização desses indivíduos. No Brasil, normativas como o Decreto nº 8.727/2016, que garante o direito ao uso do nome social e ao reconhecimento da identidade de gênero, bem como a Política Nacional de Saúde Integral LGBT, que orienta a organização da atenção à saúde dessa população no Sistema Único de Saúde, representam importantes avanços institucionais. Entretanto, mesmo diante desses dispositivos, observa-se a permanência de situações de discriminação e exclusão social. A falta de oportunidades no mercado de trabalho e a inserção em ocupações insalubres muitas vezes colocam suas vidas em risco (Neiva, 2024) e impactam negativamente o acesso aos serviços de saúde, em decorrência do medo da exposição, humilhação, constrangimento, insegurança e do uso de termos inadequados por parte de profissionais da saúde (Memed, 2024).

Nesse contexto, a prática da enfermagem se destaca em seu papel estratégico na linha de frente dos serviços de saúde, sendo reconhecida como a profissão do cuidado integral e humanizado, desempenhando um papel essencial para promoção da equidade, para enfrentamento das desigualdades sociais e para defesa dos direitos humanos. Contudo, a falta de preparo técnico e abordagens inclusivas nos currículos da formação profissional ainda limitam a efetividade deste cuidado, levando à necessidade urgente de reflexão acerca de práticas que possam ser mais sensíveis às questões de gênero (Silva e Souza, 2021). Acredita-se que a construção de assistência mais humanizada, informada e alinhada aos direitos humanos fortaleça estratégias de capacitação, redução de desigualdades e promoção de um ambiente de saúde mais justo, digno e acolhedor para a população transgênero (Brasil, 2015).

O acolhimento apropriado e a prescrição de uma comunicação respeitosa e sem julgamentos são fundamentos do cuidado à população transgênero. O posicionamento do profissional de enfermagem possui um impacto direto sobre a adesão ao tratamento, continuidade do cuidado e promoção à saúde, atuando na humanização dos serviços de saúde e confrontando as barreiras institucionais (Silva e Souza, 2023).

Dessa forma, justifica-se a realização deste estudo pela necessidade de ampliar a compreensão acerca da assistência de enfermagem à população transgênero, considerando as desigualdades ainda presentes no acesso e na qualidade do atendimento em saúde. A relevância da pesquisa está na possibilidade de contribuir para o fortalecimento de práticas mais inclusivas, equânime e fundamentadas nos direitos humanos, além de subsidiar o desenvolvimento de protocolos assistenciais e políticas públicas voltadas a essa população. Nesse contexto, o estudo tem como objetivo analisar as práticas de enfermagem direcionadas à população transgênero e identificar estratégias que possam qualificar o cuidado prestado nos serviços de saúde.

## MÉTODOS

O presente estudo caracteriza-se como uma revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa, cujo objetivo foi analisar as evidências científicas da atuação da enfermagem para a população transgênero nos serviços de saúde.

A revisão integrativa é um método que permite a síntese de resultados de pesquisas sobre um determinado tema de forma sistemática e ordenada, possibilitando a incorporação de estudos com diferentes delineamentos metodológicos. Segundo Minayo (2014), esse tipo de revisão contribui para a consolidação do conhecimento científico, favorecendo a tomada de decisão

baseada em evidências na prática profissional. Mendes, Silveira e Galvão (2008) destacam que a revisão integrativa permite reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um tema delimitado, ampliando a compreensão do fenômeno estudado e oferecendo subsídios para o desenvolvimento de novas investigações para o aprimoramento da prática assistencial.

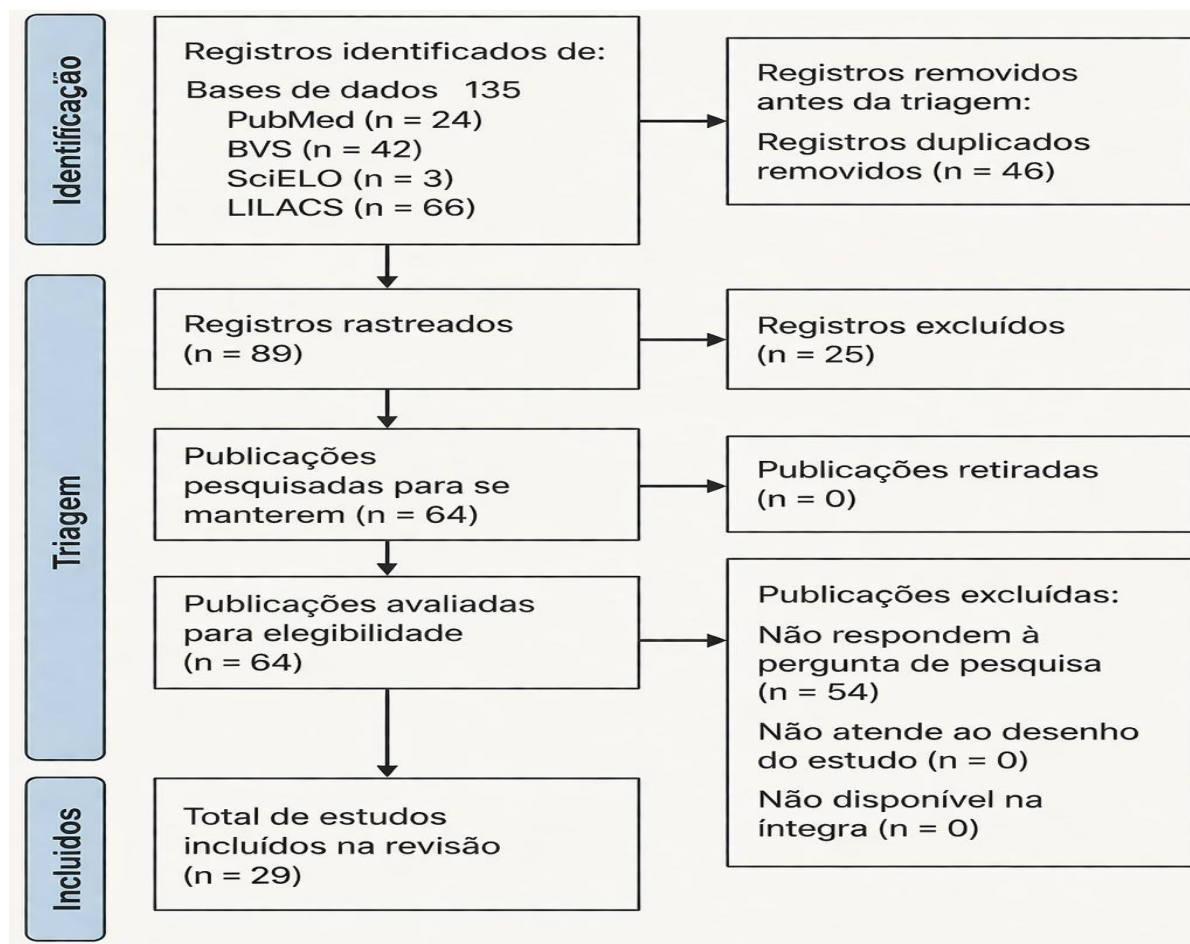
Utilizou-se estratégia PICO: P (Paciente ou Problema): população transgênero, I (Intervenção): atendimento nos serviços de saúde, C (Comparação): Atendimento sem comparação, O (Desfecho): Conhecer a qualidade dos atendimentos de enfermagem para população transgênero. Assim, a pergunta norteadora foi: Qual atuação da enfermagem para população transgênero?

As bases de dados utilizadas foram: Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), PubMed e Cochrane Library, com os seguintes descritores em Ciências da Saúde (DeCS): "população transgênero", "enfermagem", "acolhimento", "atenção à saúde" e "atendimento humanizado". E os termos em inglês no Medical Subject Headings (MeSH): "Transgender Persons", "Nursing", "Patient Acceptance of Health Care", "Health Care" e "Patient-Centered Care". Será realizada a combinação dos descritores por meio dos operadores booleanos AND e OR.

Como critérios de inclusão, foram considerados estudos disponíveis na íntegra, que abordassem o papel da enfermagem no atendimento à população transgênero nos serviços de saúde. Foram incluídas produções de diferentes delineamentos metodológicos, abrangendo estudos qualitativos, quantitativos, revisões de literatura e documentos oficiais relacionados à temática. Esses critérios foram adotados com o objetivo de reunir evidências científicas relevantes acerca da atuação da enfermagem no cuidado à população trans nos diferentes contextos assistenciais. Serão excluídas publicações de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), dissertações, teses e revisões integrativas.

A análise dos estudos selecionados foi conduzida por meio de leitura crítica e aprofundada, seguida de análise temática, conforme recomendado na metodologia de revisões integrativas. Esse processo possibilitou a organização e síntese dos achados em categorias temáticas emergentes, construídas a partir da recorrência e relevância dos conteúdos identificados na literatura. Para o presente estudo, as evidências foram agrupadas nas categorias: Formação profissional do enfermeiro no cuidado à população transgênero; Estratégias de promoção da adesão ao cuidado e ao acompanhamento em saúde; Desafios institucionais e barreiras no acesso aos serviços; contribuições da prática de enfermagem para o cuidado integral.

Figura 1 – Fluxograma do processo de seleção dos estudos (PRISMA).



Fonte: Próprio autor e PRISMA, 2020

## RESULTADOS

A partir da estratégia de busca adotada, foram identificados inicialmente 135 registros nas bases de dados, sendo 24 na PubMed, 42 na BVS, 3 na SciELO e 66 na LILACS. Após a remoção de 46 duplicatas, resultaram 110 artigos elegíveis para triagem. Na fase de leitura de títulos e resumos, 25 registros foram excluídos e, após a leitura detalhada, outros 54 estudos foram descartados por não responderem à pergunta norteadora. Ao final, a amostra final desta revisão totalizou 29 artigos selecionados conforme os critérios de elegibilidade previamente estabelecidos.

Quadro 2. Síntese dos estudos incluídos na revisão integrativa

Autor/Ano	Periódicos	Objetivo	Principais contribuições para o estudo

Silva, et al., (2015)	Revista de Terapia Ocupacional da USP	Estudar a representação social de mulheres transexuais.	Oferece subsídios para compreensão das modificações corporais e identidade.
Silva, et al., (2017)	Escola Anna Nery	Analisar a construção do conhecimento sobre transexualidade na enfermagem brasileira.	Contribui com uma crítica ao binarismo na saúde e defende uma assistência baseada nos direitos humanos.
Almeida, (2018)	Interface - Comunicação, Saúde e Educação	Analisar a inserção da temática LGBT na formação em enfermagem.	Destaca a necessidade de inclusão do tema na formação acadêmica.
MedEdPortal (2018)	MedEdPortal (AAMC)	Propor simulações clínicas para educar estudantes de saúde sobre cuidados afirmativos.	Fornecer modelos de ensino prático para reduzir o estigma e melhorar a comunicação clínica com pessoas trans.
Pereira, M. et al. (2018)	Revista Enfermagem Atual	Avaliar o acolhimento de travestis e transexuais na Atenção Primária.	Demonstra que o respeito ao nome social é o principal indicador de qualidade percebido pelo utente.
Abreu, et al. (2019)	Revista de Terapia Ocupacional da USP	Analisar estratégias de cuidado no processo transexualizador com enfoque familiar.	Evidencia a mediação familiar como suporte no processo de transição.
Carter, B. et al. (2019)	Journal of Nursing Education	Propor mudanças curriculares para incluir a saúde trans na formação de enfermeiros.	Defende que a competência cultural e clínica sobre diversidade de gênero deve ser obrigatória no currículo.

Mccann, et al. (2019)	Advanced Emergency Nursing Journal	Explorar conhecimentos e atitudes de profissionais de enfermagem de emergência sobre pacientes trans.	Revela que a falta de formação específica gera ansiedade nos profissionais e impacta a qualidade do atendimento imediato.
Rosa, et al. (2019)	Journal of Clinical Nursing	Avaliar o cuidado de enfermagem à população trans.	Aponta fragilidades e competências necessárias na prática profissional.
Santos, D.; Souza, M. (2019)	Revista de Enfermagem UERJ	Compreender a ótica de residentes de enfermagem sobre o cuidado a pessoas trans.	Aponta a lacuna entre a teoria da graduação e a prática real durante a especialização em serviço.
UFF / Carvalho (2019)	Repositório RIUFF	Analisar os desafios dos profissionais frente às políticas públicas de saúde trans.	Discute a resistência institucional e a importância do enfermeiro como agente de mudança política.
Jones, T.; Smith, R. (2020)	Journal of Nursing Management	Investigar o papel dos enfermeiros na gestão do cuidado primário a pessoas trans.	Define o enfermeiro como o articulador principal entre a comunidade trans e os serviços de saúde especializados.
Tanner, A. et al. (2020)	Seminars in Oncology Nursing	Fornecer estratégias de rastreamento de cancro para a população transgênero.	Orienta enfermeiros sobre a importância do rastreamento baseado nos órgãos presentes, superando barreiras de gênero.
Mcdermott, H. et al. (2021)	Journal of Primary Health Care	Analisar a oferta de terapia hormonal através dos cuidados de saúde primários.	Reforça a viabilidade da hormonização ser acompanhada por equipas multidisciplinares na atenção básica.

Pereira, et al. (2021)	International Journal of Development Research	Investigar barreiras no acesso à saúde por pessoas trans.	Propõe estratégias organizacionais para melhoria do acesso.
Silva, R. et al. (2021)	Revista Enfermagem em Foco	Descrever práticas de acolhimento de enfermagem no cuidado à população transgênero.	Identifica estratégias práticas para tornar as unidades de saúde ambientes mais seguros e inclusivos.
Veras, et al. (2021)	Ciência & Saúde Coletiva	Analisar o acolhimento de travestis e transexuais na atenção primária à saúde.	Mostra a educação continuada como ferramenta essencial para melhorar o atendimento.
Sousa et al., (2022)	Revista Brasileira de Enfermagem	Desenvolver tecnologia para consulta de enfermagem às mulheres transexuais.	Apresenta um guia prático para qualificação da consulta.
Vesco, et al. (2022)	University of California (eScholarship)	Analisar como as pessoas trans são representadas e tratadas no discurso da enfermagem.	Destaca a necessidade de mudar a narrativa clínica de "patologia" para "afirmação de identidade".
Vesco, et al., (2022)	Nursing Inquiry	Analisar o discurso da enfermagem sobre pessoas trans.	Discute a produção científica e sua relação com a prática clínica.
Carneiro Chagas, et al., (2023)	Journal of Nursing Care	Revisar evidências sobre o cuidado de enfermagem à população trans na atenção primária.	Destaca a importância do acolhimento, vínculo profissional e práticas inclusivas.

Álvares Muñiz, (2024)	International Journal of Nursing Studies	Analisar a percepção de pessoas trans sobre o cuidado de enfermagem.	Identifica fatores facilitadores e barreiras no atendimento.
Leite, et al., (2024)	Revista Eletrônica de Enfermagem	Discutir a vulnerabilidade de pessoas trans na assistência à saúde.	Enfatiza a humanização e estratégias de redução de danos.
Lima, et al. (2024)	Especialidade Enfermagem	Analisar a assistência de enfermagem à população transexual na atenção básica.	Traz indicadores atuais sobre as barreiras de acesso ao SUS e o papel do enfermeiro na equidade.
Lima, et al., (2024)	Revista Brasileira de Enfermagem	Investigar a assistência de enfermagem à população transexual na atenção básica.	Aponta lacunas na formação profissional e necessidade de capacitação para atendimento adequado.
Mascarenhas et al., (2024)	Revista de Enfermagem Obstétrica	Analisar a gestação em homens trans sob a perspectiva da enfermagem.	Contribui com abordagens da enfermagem obstétrica e teorias do cuidado inclusivo.
Azevedo, et al. (2025)	Protocols of Nursing	Detalhar os cuidados primários de enfermagem para pessoas transfemininas.	Oferece um guia prático para o manejo clínico, focando na segurança do processo de transição.
Azevedo et al., (2025)	Revista: Enferm foco	Analisar as atribuições e atividades da enfermagem na atenção primária	Evidencia o papel da enfermagem no cuidado integral, destacando práticas específicas e a importância do atendimento humanizado.

		voltadas a pessoas transfemininas.	
Camargo et al., (2025)	Revista Latino-Americana de Enfermagem	Investigar o processo de transição de homens trans.	Destaca a importância da relação profissional-usuário no cuidado.

A análise da literatura revela que a atuação da enfermagem junto à população transgênero ocorre em diversos níveis de complexidade, desde a Atenção Primária à Saúde como porta de entrada e coordenadora do cuidado até os serviços de Urgência, Emergência e o Ambiente Hospitalar. Essa presença capilarizada reforça a necessidade de um olhar integral em toda a rede de assistência, garantindo que o usuário seja acompanhado de forma contínua em diferentes momentos de sua jornada de saúde. Contudo, apesar da inserção profissional nesses espaços, persistem barreiras críticas que dificultam o acesso, como a discriminação direta, a invisibilidade das demandas singulares e um acentuado despreparo técnico por parte das equipes (Almeida, 2018; Carvalho; Philippil, 2019). O uso inadequado do nome social e dos pronomes é relatado como um fator central de afastamento e humilhação, gerando um ambiente de exclusão institucional que afasta essa população dos serviços (Pereira et al., 2018; Silva et al., 2021).

Em contrapartida, as evidências apontam práticas assistenciais que funcionam como potentes facilitadores da equidade. A enfermagem desempenha um papel multifacetado que une competências éticas e clínicas de maneira indissociável. No âmbito relacional, atitudes baseadas no respeito rigoroso à identidade de gênero, na escuta qualificada e no acolhimento humanizado são descritos como pilares essenciais para o estabelecimento do vínculo terapêutico, o que garante não apenas a satisfação do usuário, mas um atendimento seguro e digno (Santos; Souza, 2019; Silva et al., 2021).

No que diz respeito à dimensão clínica e educativa, a atuação do enfermeiro se manifesta de forma diversificada. O acompanhamento da terapia hormonal configura-se como uma das atividades mais recorrentes, voltada ao monitoramento do uso de substâncias, orientações precisas sobre a administração correta e o manejo cuidadoso de possíveis efeitos adversos, garantindo a segurança do processo de transição. Somado a isso, o cuidado estende-se à promoção da saúde sexual e reprodutiva, envolvendo orientações sobre planejamento reprodutivo que respeitem a singularidade de cada trajetória individual (Azevedo, et al., 2025).

A prevenção de Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs) também se destaca, sendo inserida nas rotinas de educação em saúde por meio de testagens rápidas, aconselhamento e incentivo constante ao uso de métodos de proteção. Outro ponto fundamental é o rastreamento de câncer, que deve ser pautado exclusivamente nas especificidades anatômicas do usuário, assegurando exames preventivos conforme a indicação biológica, independentemente da identidade de gênero declarada. Por fim, o enfermeiro assume um papel estratégico na gestão do cuidado e na articulação da rede, promovendo os encaminhamentos necessários para serviços especializados, como endocrinologia e psicologia, sempre que o suporte multiprofissional se faz necessário (Jones T.; Smith, R., 2020).

Ao comparar os achados com a literatura, observa-se convergência com estudos que evidenciam fragilidades na formação dos profissionais de saúde. Carter et al. (2019) e Almeida (2018) destacam que as temáticas relacionadas à identidade de gênero ainda são pouco abordadas nos currículos da área da saúde, o que reforça os resultados encontrados neste estudo quanto ao despreparo profissional. Além disso, embora existam avanços no campo normativo, como políticas públicas voltadas à população LGBT (BRASIL, 2013; WHO, 2015), os achados indicam uma divergência entre o que é preconizado nas diretrizes e o que é efetivamente implementado na prática assistencial.

No contexto da enfermagem, os resultados analisados, especialmente aqueles discutidos por Janerini et al. (2026), evidenciam que a baixa busca por qualificação profissional compromete a oferta de um cuidado integral e equânime. Essa limitação pode ser interpretada como reflexo tanto de lacunas na formação inicial quanto da fragilidade das estratégias de educação permanente. Tal cenário impacta diretamente a qualidade da assistência prestada, dificultando a consolidação de práticas alinhadas aos princípios do Sistema Único de Saúde.

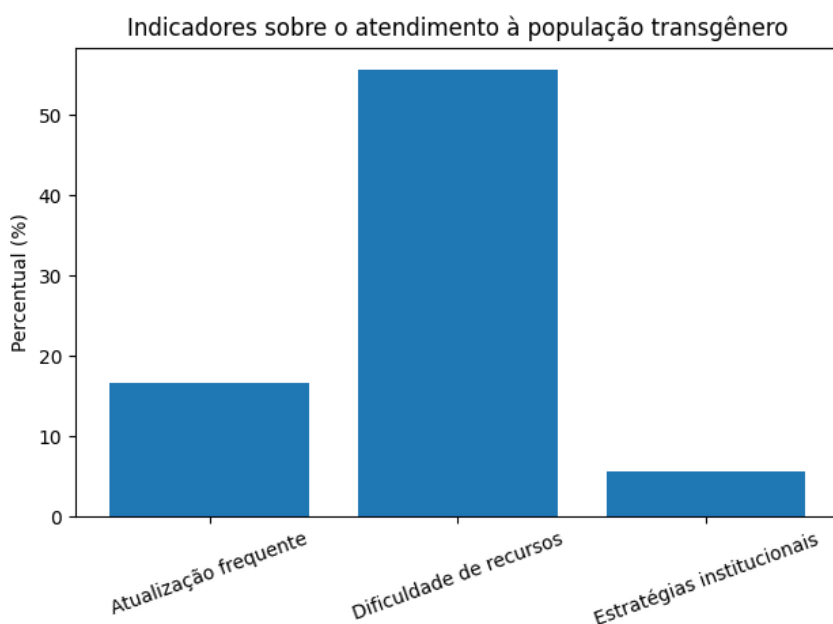
Outro aspecto relevante refere-se às limitações estruturais dos serviços de saúde, evidenciadas pela escassez de protocolos, recursos e diretrizes específicas para o atendimento da população transgênero. Esse achado reforça o que já foi discutido por Pereira et al. (2020) e Carvalho e Philippi (2019), que apontam a necessidade de maior investimento em infraestrutura e na implementação de políticas públicas efetivas. A ausência desses elementos contribui para a manutenção de práticas desiguais e para a fragilidade na organização do cuidado.

Além disso, a literatura evidencia que a adoção de estratégias institucionais de acolhimento, como o uso do nome social e o respeito à identidade de gênero, é fundamental para promover o acesso e a permanência dessa população nos serviços de saúde. Nesse sentido, estudos

de Pereira et al. (2018), Silva et al. (2021), Santos e Souza (2019) e Vesco et al. (2022) demonstram que ambientes acolhedores favorecem a criação de vínculos e a continuidade do cuidado. A ausência dessas práticas, conforme observado nos resultados, reforça processos de exclusão e dificulta a efetivação de um atendimento humanizado.

As implicações desses achados são relevantes tanto no campo prático quanto teórico. No âmbito assistencial, evidencia-se a necessidade de reestruturação dos serviços de saúde e de investimento na qualificação dos profissionais, especialmente da enfermagem, que desempenha papel central no acolhimento e na continuidade do cuidado (BRASIL, 2009; BRASIL, 2013). No campo teórico, os resultados reforçam a importância de ampliar a produção científica sobre a temática, contribuindo para o fortalecimento de práticas baseadas em evidências (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

**Figura 1** – Indicadores relacionados ao atendimento à população transgênero na Atenção Primária à Saúde.



**Fonte:** Elaborado pela autora com base em JANERINI et al. (2026).

Ademais, conforme ilustrado na Figura 1, observa-se que a principal dificuldade enfrentada pelos profissionais refere-se ao acesso a recursos específicos (55,6%), seguida pela baixa adesão à atualização profissional (16,7%) e pela escassez de estratégias institucionais (5,6%) (Janerini et al., 2026). Esses achados evidenciam que as barreiras no atendimento à população transgênero não se restringem ao âmbito individual dos profissionais, mas estão também

relacionadas a fatores estruturais e institucionais, o que demanda intervenções em múltiplos níveis para a promoção de um cuidado mais inclusivo e qualificado.

De acordo com Rogério Diniz Junqueira (2018) e Ministério da Saúde (2013), a efetividade das intervenções em saúde voltadas à população transgênero está diretamente relacionada ao posicionamento ético dos profissionais, sendo que a articulação entre competência técnica e uma comunicação empática, respeitosa e livre de julgamentos constitui elemento fundamental para a superação de barreiras institucionais, favorecendo a continuidade do cuidado e a garantia dos direitos humanos.

## DISCUSSÃO

Os achados desta revisão integrativa revelam que a assistência de enfermagem à população transgênero ainda caminha sobre um terreno de contrastes: de um lado, o potencial transformador do cuidado humanizado e, de outro, barreiras estruturais que perpetuam a exclusão. É evidente que a vulnerabilidade social enfrentada por essa população, manifestada pela precariedade em áreas como educação, trabalho e segurança, reflete-se diretamente no ambiente de saúde (Carvalho, M. Philippi, M. 2019).

A literatura analisada demonstra que o primeiro contato com o serviço de saúde é o momento decisivo para a criação de um vínculo terapêutico. Práticas aparentemente simples, como o uso correto do nome social e o respeito à identidade de gênero, são, na verdade, intervenções clínicas fundamentais que garantem a segurança e a dignidade do usuário (Silva, R. et al. 2021).

Infelizmente, observa-se que o uso inadequado de pronomes e a postura de julgamento por parte dos profissionais ainda funcionam como fortes desestimuladores da busca pelo cuidado. Como apontado por Silva et al. (2021) e Pereira et al. (2018), essa exclusão institucional empurra indivíduos para a invisibilidade, fazendo com que busquem assistência apenas em casos de extrema necessidade, o que compromete a prevenção de agravos.

No que tange à dimensão técnica, o papel do enfermeiro se mostra estratégico, especialmente no acompanhamento da terapia hormonal e na promoção da saúde reprodutiva. O estudo de Azevedo et al. (2025) reforça que essa atuação não é apenas administrativa, mas de monitoramento crítico de efeitos adversos e educação em saúde. No entanto, os resultados indicam um paradoxo: embora o enfermeiro seja o profissional da "linha de frente", há um acentuado despreparo técnico para lidar com essas demandas singulares.

Este despreparo é reflexo de currículos acadêmicos que historicamente ignoram a diversidade de gênero. Conforme discutido por Carter et al. (2019) e Almeida (2018), a ausência dessas temáticas na graduação resulta em uma prática baseada no senso comum e em padrões heteronormativos, dificultando um cuidado integral e equânime.

O enfermeiro, ao atuar na articulação da rede e nos encaminhamentos para endocrinologia e psicologia, acaba muitas vezes "nadando contra a corrente" de um sistema que carece de protocolos claros. Jones e Smith (2020) ressaltam que a eficácia dessa gestão depende da capacidade do enfermeiro de navegar em uma rede muitas vezes fragmentada.

A análise crítica desses dados sugere que a enfermagem precisa assumir um posicionamento ético-político mais robusto. Não basta dominar a técnica de administração de hormônios se o profissional não reconhece o indivíduo em sua totalidade. A maior limitação desta revisão está relacionada à dependência da qualidade metodológica dos estudos incluídos, característica inerente às revisões integrativas (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008; SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010), além da escassez de produções nacionais que avaliem o impacto direto das políticas públicas na prática dos serviços de saúde.

Para o futuro, é imperativo que as instituições de ensino e saúde invistam em educação permanente e na construção de protocolos assistenciais que tirem a saúde trans do campo da excepcionalidade e a tragam para o campo do direito universal, fortalecendo o papel da enfermagem na promoção de um cuidado inclusivo e equânime (BRASIL, 2009; BRASIL, 2013; OMS, 2016).

Por fim, ao retomar o objetivo deste estudo, observa-se que ele foi alcançado ao possibilitar a compreensão das práticas de enfermagem voltadas à população transgênero e das limitações ainda presentes na assistência. A análise evidencia que, apesar dos avanços normativos (BRASIL, 2013; WHO, 2015), ainda há desafios significativos para a efetivação de um cuidado equânime, inclusivo e livre de discriminação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização desta revisão integrativa permitiu compreender que a atuação da enfermagem junto à população transgênero transcende a execução de protocolos clínicos, configurando-se como elemento essencial na garantia dos direitos humanos e da dignidade no Sistema Único de Saúde. Embora existam políticas públicas relevantes no Brasil voltadas a essa população, a prática cotidiana ainda enfrenta entraves significativos, especialmente relacionados

ao despreparo profissional e à persistência de preconceitos institucionais.

Nesse cenário, o acolhimento qualificado destaca-se como uma ferramenta fundamental para a promoção de um cuidado efetivo. Práticas como o respeito ao nome social, o uso adequado dos pronomes e a escuta sensível impactam diretamente na construção de vínculos e na redução de barreiras de acesso aos serviços de saúde. Ao adotar uma postura ética, ativa e humanizada, o enfermeiro contribui para a ampliação do acesso e para o fortalecimento da confiança da população trans no sistema de saúde.

Ademais, evidencia-se uma lacuna na formação dos profissionais de enfermagem, marcada pela insuficiente abordagem das questões relacionadas à diversidade de gênero. Essa fragilidade repercute na insegurança profissional e na reprodução de práticas que não contemplam a integralidade do cuidado, perpetuando, por vezes, ambientes pouco inclusivos.

Dessa forma, torna-se indispensável a incorporação de conteúdos sobre diversidade de gênero nos processos formativos, bem como a ampliação de estratégias de educação permanente nos serviços de saúde. Tais ações são essenciais para promover uma assistência mais qualificada, sensível e alinhada às necessidades da população transgênero.

No que se refere às limitações, destaca-se que, por se tratar de uma revisão integrativa, há dependência da qualidade metodológica dos estudos incluídos, além da possibilidade de heterogeneidade entre os métodos e contextos analisados. Soma-se a isso a escassez de estudos recentes, o que pode ter restringido a abrangência das análises e influenciado a generalização dos achados.

Diante desse contexto, recomenda-se que pesquisas futuras aprofundem a investigação sobre estratégias de qualificação profissional e avaliem a efetividade das políticas públicas na prática assistencial. Ressalta-se, ainda, a importância de estudos que explorem as experiências da população transgênero nos serviços de saúde, contribuindo para o aprimoramento das práticas de cuidado.

Por fim, a construção de um sistema de saúde mais justo e inclusivo depende do compromisso dos profissionais em oferecer um cuidado que reconheça e respeite as identidades e singularidades dos indivíduos. Nesse sentido, a enfermagem assume papel central na transformação dos serviços de saúde em espaços de acolhimento, respeito e segurança.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, et al. **Estratégias de cuidado na perspectiva familiar.** 2019
- ALMEIDA, A. **A saúde LGBT na formação dos enfermeiros.** 2018.

- ÁLVAREZ-MUÑOZ, P. **Nursing care as perceived by trans persons.** 2024.
- AZEVEDO, et al. **Cuidados primários de enfermagem para pessoas transfemininas.** 2025.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.** Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Educação Permanente em Saúde.** Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais.** Brasília: Ministério da Saúde, 2013.
- BRASIL. Ministério da Saúde. **Portaria nº 2.836, de 1º de dezembro de 2011.** Institui a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (LGBT). Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2013.
- CAMARGO, et al. **Processo de transição de homens trans.** 2025.
- CARNEIRO CHAGAS, et al. **Nursing care for the transgender population in primary health care.** 2023.
- CARTER, B. et al. Transgender health care for nurses: an innovative approach to diversifying nursing curricula. **Journal of Nursing Education**, 2019.
- CARVALHO, M.; PHILIPPI, M. Saúde da população trans e práticas de cuidado na atenção básica. **Revista de Saúde Coletiva**, 2019.
- JONES, T.; SMITH, R. The integral role of nurses in primary care for transgender people. **Journal of Nursing Management**, 2020.
- JUNQUEIRA, Rogério Diniz. **Diversidade sexual na educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas.** Brasília: Ministério da Educação, 2018.
- LEITE, et al. **Vulnerabilidade de transgênero na assistência de saúde.** 2024
- LIMA, et al. **Assistência de enfermagem à população transexual na atenção básica.** 2024.
- MASCARENHAS, et al. **Homem trans e gestação paterna.** 2024.
- MCCANN, E. et al. Knowledge, attitudes, and beliefs: advanced practice professionals and transgender patients in the emergency department. **Advanced Emergency Nursing Journal**, 2019.
- MCDERMOTT, H. et al. Providing gender-affirming hormone therapy through primary care. **Journal of Primary Health Care**, 2021.
- MEDEDPORTAL (AAMC). **Promovendo Práticas Afirmativas de Cuidados de Saúde para Pessoas Transgênero em Hospitais: uma simulação de paciente padronizada.** MedEdPortal, 2018.
- MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. **Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem.** Texto & Contexto Enfermagem, Florianópolis, v. 17, n. 4, p. 758–764, 2008.

PEREIRA, L. et al. Atenção à saúde da população trans: desafios para profissionais de enfermagem. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2020.

PEREIRA, M. et al. Acolhimento de travestis e transexuais na atenção primária à saúde. **Revista Enfermagem Atual**, 2018.

PEREIRA, et al. Enfrentamento das barreiras no acesso. 2021.

ROSA, et al. **Nursing Care for the transgender population**. 2019.

SANTOS, D.; SOUZA, M. Cuidar de pessoas transexuais na ótica dos residentes de enfermagem. **Revista de Enfermagem UERJ**, 2019.

SILVA, R. et al. Acolhimento e práticas de enfermagem no cuidado à população transgênero. **Revista Enfermagem em Foco**, 2021.

SILVA, R.; FERREIRA, M. A construção epistemológica da transexualidade: ciência, enfermagem e senso comum. **Escola Anna Nery Revista de Enfermagem**, 2017.

SILVA, et al. Os impactos das identidades transgênero na sociabilidade de travestis e mulheres transexuais. 2015

SOUSA, et al. Tecnologia para consulta de enfermagem às mulheres transexuais. 2022.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. **Revisão integrativa: o que é e como fazer**. Einstein (São Paulo), São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2010.

TANNER, A. et al. Cancer screening and prevention in the transgender population. **Seminars in Oncology Nursing**, 2020.

VERAS, et al. **Acolhimento de travestis e transexuais na APS**. 2021.

VESCO, et al. **Transgender people in the nursing discourse**. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Global health sector strategy on HIV 2016–2021: towards ending AIDS**. Geneva: World Health Organization, 2016.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Sexual health, human rights and the law**. Geneva: WHO, 2015.